



GT 028. Conflitos, Práticas Estatais e Mobilização Social no Brasil contemporâneo

Manuela Souza Siqueira Cordeiro (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA) - Coordenador/a, Katiane Silva (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Paula Mendes Lacerda (UERJ) - Debatedor/a, Marta de Oliveira Antunes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Debatedor/a, Rhuan Carlos dos Santos Lopes (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) - Debatedor/a

O GT tem como proposta reunir trabalhos que tematizem processos e dinâmicas em torno de conflitos sociais. Compreendemos o conflito como um momento que pode desencadear mobilizações sociais, caracterizadas pelo estabelecimento e negociação de poder entre coletivos políticos ou entre estes e o Estado. Além dessa dimensão que, por sua vez, se desdobra em categorias que pretendem descrever formas específicas de violência como a “violência estatal”, a “violência contra a mulher”, o “genocídio”, os “massacres” e “conflitos no campo”, buscaremos contemplar também o conflito em sua dimensão processual ou genealógica, atentando para os mecanismos por meio dos quais as diferenças e desigualdades se fundam e perpetuam. Pretendemos também abarcar trabalhos que estejam discutindo ações de coletivos políticos que se constituem ou se reorganizam frente a situações consideradas injustas, desiguais ou violentas, de maneira a perceber como estes vislumbram a possibilidade ou a expectativa de reparação pelas violações sofridas. Trata-se, portanto, de um GT que espera se compor a partir de uma diversidade de situações etnográficas que tenham como proposta discutir mobilizações sociais nas cidades, no campo, em comunidades indígenas.

Me avisa quando você chegar? Insegurança, Violência e Mobilizações em um campus universitário.

Autoria: Iris de Macedo Rosa, Nalayne Mendonça Pinto

A pesquisa em andamento é um estudo sobre situações de conflitos e violências ocorridas nos últimos 5 anos no campus da UFRRJ. O objetivo é compreender as diferentes situações entendidas como conflituosas e violentas pela comunidade acadêmica e analisar as formas de organização de coletivos e mobilizações pelas redes sociais que procuram encaminhamento e soluções para as ocorrências de violências. Especificamente para esta apresentação serão analisadas algumas situações de violência contra mulher e as mobilizações sociais que foram produzidas através da articulação de alunas e coletivos feministas. Esta pesquisa entende a complexidade da violência enquanto objeto sócio antropológico, por ser este um fenômeno empírico que é sentido, representado e percebido a partir da interação social. Assim, a violência enquanto objeto de estudo possui caráter subjetivo que impacta a vida em sociedade uma vez que as representações sociais acerca da violência geram condutas. Transportada para o universo feminino, a subjetividade da violência ganha um caráter ainda mais particular, isto por que a violência contra a mulher é vivida, na maioria das vezes, individualmente. Nos últimos anos as denúncias de assédio moral e sexual, estupro e tentativa de estupro no interior e arredor do campus vieram à tona. As denúncias inicialmente estavam em grupos e páginas do Facebook, passaram às páginas de jornal e aos poucos caminham para os registros policiais. A atmosfera em transformação em torno de práticas antes silenciadas, fez com que os setores da comunidade acadêmica se posicionassem em torno do tema. Nesse sentido, serão apontadas algumas ocorrências mais emblemáticas que aconteceram e a repercussão social que produziram. Entre as iniciativas mais significativas está a página, criada por uma aluna, ?Abusos Cotidianos? que ?surgiu com a necessidade de criação de um ambiente seguro e acolhedor para dar voz às vítima@s de abusos cotidianos dentro da UFRRJ?. A página é um lugar de desabafo e acolhimento onde vítimas escrevem a fim de encontrar o apoio e dar visibilidade às



denúncias. A mais recente mobilização deu-se através do movimento feminista ?Me avisa quando chegar UFRRJ?. O movimento surgiu em 2016 após uma aluna ser estuprada durante uma festa que ocorreu dentro do campus e inicialmente contou com 2.700 ?ruralinas? em suas atividades. O nome veio do hábito cotidiano das alunas de pedirem umas as outras que deem notícias quando chegarem aos seus destinos por receio de que algo aconteça no caminho. Dessa forma, esse work busca entender o histórico dos conflitos na UFRRJ, como ele incide nas interações sociais entre os membros da comunidade acadêmica e ainda a atuação dos atores que estão envolvidos nos seus processos de administração e contestação.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

